

Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola do Veloso, povoado de Pitangui – MG

Use of medicinal plants in the Quilombola do Veloso community, belonging to the municipality of Pitangui – MG

DOI:10.34117/bjdv6n12-529

Recebimento dos originais: 21/11/2020

Aceitação para publicação: 21/12/2020

Filipe Rodrigues Valeriano

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia Vegetal e Bioprocessos (UFRJ)

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Carlos Chagas Filho, 373. Cidade Universitária – Rio de Janeiro

E-mail: filiper.valeriano@hotmail.com

Fabiana Ramos Savani

Mestra em Ciência e Tecnologia Ambiental (UFABC)

Instituição: Universidade Federal do ABC

Endereço: Av. dos Estados 5001, Bairro Santa Terezinha, Santo André, São Paulo

E-mail: fabiana.savani@fatec.sp.gov.br

Maria Rejane Valeriano da Silva

Graduada em História (FAPAM)

Instituição: Faculdade de Pará de Minas

Endereço: Rua Ricardo Marinho 110, São Geraldo, Pará de Minas

E-mail: varci@yahoo.com.br

Ivana Pires de Sousa Baracho

Mestra em Produção Vegetal (UFVJM)

Instituição: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Endereço: Campus JK – MGT 367 – KM 583, nº 5000 Alto da Jacuba – Diamantina

E-mail: vanninha.sousa87@gmail.com

Marcos Silva Cardoso dos Santos

Graduando em Letras (UFRJ)

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Horário de Macedo, 2151. Cidade Universitária – Rio de Janeiro

E-mail: mcardoso.pays@gmail.com

Juma de Araújo Braga

Graduanda em Engenharia Ambiental (Pitágoras)

Instituição: Faculdade Pitágoras de Divinópolis

Endereço: Rua Santos Dumont 1001, Bairro do Carmo, Divinópolis

E-mail: jumabraga_13@hotmail.com

RESUMO

Objetivou-se realizar o levantamento etnobotânico das espécies vegetais utilizadas para fins medicinais pelos moradores da comunidade quilombola do Veloso, pertencente ao município de Pitangui – MG, e verificar o interesse pelo cultivo de uma horta medicinal comunitária. Entre as famílias na comunidade, 12 pessoas que detêm o conhecimento sobre o assunto foram identificadas e entrevistadas. As entrevistas foram realizadas através de questionários semiestruturados. Os materiais foram identificados a partir de imagens e análise de literatura específica. A maioria dos entrevistados era do sexo feminino (58%). Quanto à faixa etária, essa variou entre 37 a 82 anos e foi observado um baixo índice de escolaridade. O costume de utilizar plantas medicinais foi evidenciado por 92% dos entrevistados, sendo os ascendentes familiares as principais fontes de transmissão. Foram relatadas 42 espécies de plantas de uso medicinal, sendo Lamiaceae e Rutaceae as famílias com maior expressão. O principal órgão utilizado foi folha e o principal modo de preparo foi infusão/decoção (chá), principalmente contra gripe/resfriado. A espécie com maior destaque foi erva-cidreira, sendo usada como calmante e contra insônia. Observou-se um grande interesse da comunidade pelo cultivo comunitário.

Palavras-chave: Etnobotânica, populações tradicionais, recursos vegetais.

ABSTRACT

The objective of this research was to do the ethnobotanical survey of plant species used for medicinal purposes by residents of the community of Veloso quilombola, belonging to the municipality of Pitangui - MG, and to verify their interest to cultivate a community medicinal garden. Among the families in the community, 12 people with knowledge about the subject were detected and interviewed. The Interviews were conducted through semi-structured questionnaires. The materials were identified from images and analysis in specific literature. The majority of respondents were female (58%). About the age of the group, it ranged from 37 to 82 years and a low educational level was observed. The use of medicinal plants was evidenced by 92% of the interviewees, being family ascendants the main source of transmission of this tradition. 42 species of medicinal plants were reported, Lamiaceae and Rutaceae are the most common families. The leaf was the organ of the plant most used. The main way to prepare tea is the infusion/decoction method, mainly against influenza/cold. The prominence specie is the lemon balm, being used as a soothing and also to treat insomnia problems. The community has shown interest to cultivate a community medicinal garden.

Keywords: Ethnobotany, traditional populations, plant resources.

1 INTRODUÇÃO

A abrangência da etnobotânica não pode ser resumida somente na relação direta existente entre as comunidades (etnias) humanas e as plantas desenvolvidas culturalmente (suas interações e utilizações), mas abrange outras áreas como a ecologia e as ciências sociais, por estar direcionada ao conhecimento e uso da flora através dos povos tradicionais (PELLEGRINO, 2015). Os estudos etnobotânicos possuem importância para a compreensão da utilização desses recursos da natureza, tendo uma visão holística e sustentável, contribuindo com os estudos etnofarmacológicos na busca por novos fitoterápicos (ALBUQUERQUE et al., 2005, p. 53).

O uso de plantas com finalidades medicinais é uma prática antiga, sendo transmitida através da comunicação oral de geração a geração familiar. Porém, com o crescimento e desenvolvimento

tecnológico e o avanço da modernidade, houve o aumento do número de medicações manipuladas e/ou produzidas em laboratórios, e de seus fornecedores (farmácias) (SALES et al. 2009, p. 31). Através das observações populares em relação ao uso e eficácia de plantas medicinais foi observada uma grande contribuição para as propriedades e potencialidades terapêuticas das plantas como método alternativo para tratamentos paliativos de determinadas enfermidades (MACIEL et al., 2002, p. 429).

A população brasileira, em geral, possui um conhecimento adquirido de gerações antecedentes sobre métodos alternativos de cura de doenças ocasionadas com mais frequência no ser humano, como por exemplo, o resfriado e a gripe (MATOS, 2002, p. 158). Contudo, a riqueza desse conhecimento é maior entre os povos tradicionais que são ameaçados pela medicina ocidental e pela indiferença das novas gerações, prejudicando a partilha dos conhecimentos adquiridos de seus ancestrais (AMOROZO, 1996, p. 17).

As comunidades quilombolas representam um dos grupos étnicos afro-brasileiros e costumam habitar várias regiões do nosso país, sendo constituídas por famílias de descendentes de escravos que deram continuidade a seus costumes e procuram manter as tradições de seus antepassados (REIS, 2010 apud PELLEGRINO, 2015, p. 12). Um desses hábitos encontra-se na prática do uso de plantas medicinais como alternativa para o tratamento de suas enfermidades. A comunidade possui o conhecimento sobre as ervas locais bem como as plantas mais indicadas e sua forma de preparo para o tratamento de determinada enfermidade (SALES et al., 2009, p. 31). Deste modo, o presente artigo tem como objetivo realizar um levantamento etnobotânico das plantas utilizadas para fins medicinais pelos moradores da comunidade quilombola do Veloso, pertencente ao município de Pitangui – MG e aferir o interesse pelo cultivo de uma horta medicinal comunitária.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A Comunidade do Veloso, situada na zona rural do município de Pitangui, é um lugarejo que agrega descendentes de escravos, que conseguiram fugir das chicotadas nas minas de ouro e nas fazendas dos barões do café da região, na então vila de Pitangui, fundada em 1715 por bandeirantes paulistas em época que o ouro era abundante (ROMANO, 2007, p. 9). Alguns moradores relatam que a comunidade começou com duas pessoas e foi crescendo com o tempo, entretanto há relatos que as primeiras famílias chegaram ao local por volta de 1800. Atualmente a comunidade abrange 72 famílias de artesãos e agricultores, sendo a maioria dos membros nativos da comunidade e apresentam algum grau de parentesco.

Entre as 72 famílias presentes na comunidade, 12 pessoas (n=12) que detêm o conhecimento tradicional sobre os recursos naturais locais e seu uso foram identificadas para realização das entrevistas. Após conversas informais com a liderança da comunidade, foram selecionados alguns

membros para a realização das entrevistas acerca do uso medicinal de erva na comunidade. As entrevistas foram realizadas com os participantes em suas respectivas residências e as informações foram levantadas a partir de questionários semiestruturados compostos por 13 questões, tendo como referência o trabalho de Ferreira & Godoy (2016), a fim de adquirir dados socioeconômicos e conhecimento quanto ao uso dos recursos vegetais com fins terapêuticos. A observação participante também foi utilizada na coleta de dados, para a complementação do questionário e o resgate de informações pertinentes para a pesquisa como descrito na literatura (MALINOWSKI, 1975, p. 55 apud THIAGO, 2011, p. 18).

Ao final das entrevistas, sempre que permitido, as plantas foram localizadas e registradas através de fotografias. Posteriormente, procedeu-se ao levantamento dos dados e organização em tabelas, sendo feitas análises quantitativa e qualitativa. Os resultados obtidos foram expressos por meio da média e as citações de plantas por frequências relativas. As análises dos dados foram realizadas através do programa Microsoft Windows Excel 2007[®]. As plantas citadas pelos moradores não foram coletadas e herborizadas, sendo realizadas as identificações a partir de imagens e a análise da nomenclatura através da literatura, como proposto por Almeida et al. (2009); Carvalho et al. (2011); Oliveira & Gondim (2013). Além disso, foi utilizada como referência a lista de espécies registradas pela ANVISA (BRASIL, 2014) e o Manual de Plantas Medicinais (NASCIMENTO & VIEIRA, 2014). A carta de autorização de acesso à comunidade do Veloso foi solicitada à liderança local como forma de garantir a entrada e resguardar o conhecimento tradicional dos moradores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade do Veloso é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura do Governo Federal, mas, ao que parece, existe uma negação de identidade por alguns dos moradores locais. Segundo a liderança local, atitudes de rejeição/omissão da própria identidade já foram presenciadas pela população mais jovem que não se reconhece como remanescentes de escravos e quilombolas. Essa resistência é também expressada pelos moradores mais velhos do local e foi presenciada durante o levantamento dos dados. Em 2013, o documentarista Sérgio Vilaça também registrou em seu vídeo, postado no canal do Youtube, atos de negação e de desconhecimento sobre suas origens (VILAÇA, 2014):

(...) Pouco tempo eu tive querendo achar ruim com o povo do hospital, porque eles colocaram o nome daqui de 'Carambola'... Aí eu peguei e falei, mas porque cês pôs o nome de 'Carambola', porque nos é mais pobre que os outros? (Sra. D. M. Z. F., 61 anos. Veloso – Pitangui, Minas Gerais - 2013).

(...) Eu nem sei o que é isso, 'Carambola' deve ser uma pessoa que não tem nada, né não?...E nós aqui não somos isso não, é? (...) (Sra. D. M. F. S., 73 anos. Veloso – Pitangui, Minas Gerais - 2013).

Santos (2010, p. 233) verificou em território remanescente de quilombo em Olaria esse aspecto de negação que pode ser motivado tanto por conflitos étnico-raciais quanto pela exclusão da sociedade regional. Tal exclusão encontra-se vinculada à escravidão e ao estigma que paira sobre os antepassados que fundaram as comunidades quilombolas.

Observou-se que o número de pessoas que compõe cada família variou entre dois a nove membros, apresentando uma média de quatro pessoas por moradia. Comumente, os casais apresentaram entre quatro e cinco filhos, sendo encontrado um total de até 12 filhos. Os números de netos encontrados foram entre três a 25, apresentando uma média de oito netos por família. Dos informantes entrevistados, a maioria foi do sexo feminino, representada por 58% e 42% para o sexo masculino o que sugere que as mulheres da comunidade possuem o conhecimento e o domínio das práticas de coleta e cultivo dos recursos vegetais no Quilombo. Monteles & Pinheiro (2007, p. 41) realizando o levantamento do conhecimento tradicional quanto à utilização dos recursos vegetais no Quilombo Sangrador (Maranhão), encontraram resultados semelhantes. Tais dados sugerem que as mulheres passam a maior parte de seu tempo no lar desempenhando as atividades domésticas enquanto os homens exercem atividades externas como, por exemplo, diaristas o que está em concordância com o que relatado por Silva & Faria (2014, p. 2810). Ademais, os maiores detentores do conhecimento sobre as plantas de uso terapêutico são as mulheres, exercendo um valoroso papel no processo de transmissão do conhecimento tradicional (RODRIGUES & CASALI, 2002).

Segundo Amorozo & Gély (1988, p. 57) existe certa diferenciação entre o conhecimento do homem e da mulher com relação às plantas que crescem em ambientes manejados ou não. De modo geral, a mulher domina melhor o conhecimento das plantas que crescem próximo a sua residência, no quintal e no sítio, enquanto o homem conhece mais as plantas do mato. Porém esta ambivalência não é constante, algumas mulheres conhecem os 'remédios do mato' tão bem como seus maridos.

Entre os entrevistados houve uma variação da faixa etária entre 37 e 82 anos de idade. Pessoas idosas acima de 60 anos de idade, foram representadas por 58% do total de entrevistados. O conhecimento de determinadas práticas tradicionais é adquirido ao longo do tempo e as pessoas mais velhas são as principais fontes de informação sobre esses costumes (BORBA & MACEDO, 2006, p. 774). Foi observado um baixo índice de escolaridade entre os entrevistados, decorrendo que 25% não possuem instrução e a maioria dos alfabetizados (50%) estudou até a 3ª ou 4ª série do ensino fundamental. Dos respondentes, 16% concluíram o ensino médio e apenas 8% concluíram o ensino superior. Não se observou registro em andamento em algum dos ensinos citados acima. O baixo índice de escolaridade é comumente encontrado em algumas pesquisas etnobotânicas, como foi relatado por Carniello et al. (2010, p. 454); Pasa (2011, p. 182). Mesmo que o uso e os saberes sobre as plantas medicinais estejam intimamente relacionados à tradição popular e ao conhecimento de forma empírica,

o grau de instrução de determinada população pode influenciar sobre esses hábitos (NOBRE, 2015, p. 39).

Dados obtidos no estudo apontam que os homens da comunidade exercem atividades de vaqueiro, pedreiro e produtor rural o que favorece uma fonte de renda mais expressiva, enquanto as mulheres, na sua maioria, são responsáveis principalmente pelas atividades domésticas e artesanato. Entretanto, algumas mulheres relataram que quando mais jovens exerceram outras atividades, como pode ser verificado abaixo:

(...) trabalhava na roça para plantar, quebrar milho, arrancar feijão, cortar arroz, roçar pasto, isso tudo era com nós mesmo (...) (Sra. D. M. F. S., 78 anos. Veloso – Pitangui, Minas Gerais).

(...) toda a vida, os trabalhos meu foi só sofrimento minha filha, só trabalho na roça e na carvoeira (...) (Sra. D. M. Z. F., 66 anos. Veloso – Pitangui, Minas Gerais).

A economia local está baseada principalmente pela pecuária, agricultura de subsistência e artesanato (com proeminência da confecção de cigarro de palha). A confecção de cigarro artesanal é realizada por grande parte da população, não estando restrita apenas a comunidade do Veloso, mas no município de Pitangui e demais regiões, agregando crianças e jovens. Lima (2016) em sua pesquisa na comunidade do Veloso verificou que uma jovem de 13 anos, estudante do 7º ano do ensino fundamental, produzia em média 400 cigarros por dia totalizando dois mil cigarros produzidos por semana. Segunda a autora, isso infere sobre o trabalho infantil que é uma realidade de todo o país, estando presente no meio rural e urbano. Arroyo (2015, p. 27) enfatiza sobre o trabalho infantil, dizendo:

Dados mostram que o trabalho da criança e do adolescente é ainda uma realidade presente. Vai declinando em algumas áreas, na indústria, até têxtil, porém persiste na agricultura, no comércio, em outras atividades e persiste nas ruas. As reformas na organização do trabalho, na definição de idades para o acesso ao mundo laboral e até o ECA, condenando o trabalho da criança e do adolescente, não tem conseguido sua eliminação e o declive continua mais lento do que o esperado e devido (ARROYO, 20015, p. 27).

Dados sobre a renda familiar não foram considerados nessa pesquisa, uma vez que algumas pessoas da comunidade apresentaram certa resistência para participar da entrevista e a fim de não promover nenhum retraimento quanto às respostas dos participantes, optou-se por retirar perguntas relativas ao tema do questionário. Tal fato não invalida o questionário haja vista que, com base nas respostas dadas às demais questões, conclui-se que a comunidade está enquadrada numa faixa de renda mais baixa.

Quanto aos recursos vegetais com aplicação terapêutica, observou-se que o costume de utilizar plantas medicinais para o preparo de remédios é comum entre os 92% dos entrevistados, sendo em alguns casos associados a produtos de origem animal para fabricação de pomadas. Alguns entrevistados

afirmaram que antigamente os tratamentos realizados com chá do mato, feito em suas próprias residências, eram mais comuns para o tratamento das moléstias. Além disso, eles ressaltaram que não existiam hospital ou posto de saúde próximos o que dificultava a locomoção, sendo necessária a utilização de fontes alternativas como os remédios do mato. Apenas uma pessoa (8%) afirmou não fazer uso de plantas medicinais, tendo preferência pelos fármacos industrializados a fim de obter resultados mais rápidos nos processos de cura. Sobre a frequência de utilização dessas plantas medicinais para o tratamento de alguma doença, a grande maioria (50%) respondeu que faz uso “muito frequentemente”, seguido por 41% dos entrevistados que utilizam “às vezes” esse recurso, apenas quando necessário, como em situações de desconforto ou quando o remédio químico acabou como informa uma das participantes:

(...) às vezes não tem o remédio químico, então a primeira opção é o natural, às vezes para uma dor de cabeça sem saber o motivo (...) (Sra. E. P. L., 37 anos. Veloso – Pitangui, Minas Gerais).

Os informantes mencionaram que conseguem suas plantas no próprio quintal (59%), sendo em grande parte, de ocorrência espontânea e algumas cultivadas (Fig. 1). Em torno de 23% dos moradores obtêm as plantas no mato (cerrado) e 12% conseguem com seus vizinhos.

Figura 1: Morador da coletando gengibre (A) e pomada produzida por morador da comunidade (B), Pitangui – MG, 2017.



Na comunidade, todos possuem quintal os quais são constituídos pela presença de espécies perenes e por uma diversidade de espécies que permite a produção ao longo do ano. Os quintais têm sido citados na literatura como importantes sistemas agroflorestais apresentando uma grande diversidade de espécies medicinais utilizadas para tratamentos terapêuticos (SIVIERO et al., 2012, p. 609; FREITAS et al., 2012, p. 48). Além disso, esses sistemas oferecem plantas de utilização ornamental e alimentar, sendo muitas vezes um incremento na renda familiar (MEIRELLES et al., 2003). Dentre várias funções, os quintais também fornecem uma cobertura vegetal diversificada. Além das informações supracitadas, é válido notabilizar nesse trabalho a importância que o cerrado exerce

como uma importante fonte de plantas medicinais para populações que vivem nos arredores deste bioma. Esse ambiente é pouco conhecido na abordagem científica e tem sido enunciado como um bioma ameaçado devido ao extrativismo vegetal descontrolado, desmatamento e queimadas, promovendo a redução da biodiversidade medicinal (VIEIRA & MARTINS, 1996; BESSA et al., 2013, p. 693). Assim, são fundamentais estudos futuros por pesquisadores que buscam entender os impactos ocasionados por essas práticas a fim de contribuir para o preenchimento de lacunas para a definição de áreas de conservação e de melhores estratégias de preservação.

Questionados sobre quem os ensinaram a utilizar os recursos vegetais, 83% assumiram ter aprendido com alguns de seus ascendentes familiares (avós, mãe, pai e/ou bisavô) (Fig. 2) e 17% adquiriram o conhecimento por “outros” meios. Ferreira, Batista & Pasa (2015) também observaram que 60% dos pesquisados afirmaram que o conhecimento adquirido sobre o uso de plantas medicinais foi passado principalmente por seus ascendentes familiares (avós). Lucena et al., (2011) estudando a comunidade do Sertão Paraibano relata que a principal fonte de transmissão ocorre através dos familiares (pais ou avós). As mulheres (mães e avós) foram as mais citadas pelos pesquisados, reforçando o que Rodrigues & Casali (2002) relataram anteriormente sobre as mulheres serem as maiores detentoras do conhecimento e principais depositárias das plantas medicinais e principais responsáveis pelo processo de transmissão. Nessa abordagem, essa forma de conhecimento tradicional é transmitida através da oralidade, sendo essa ferramenta o principal mecanismo de difusão do conhecimento entre os sujeitos, permitindo dessa maneira, a transmissão contínua do tempo passado no tempo presente (AMOROZO, 1996; PEREIRA & DIEGUES, 2010, p. 40).

Figura 2: Moradores da comunidade Quilombola do Veloso que, Pitangui – MG, 2017.



Sobre os efeitos das plantas medicinais, 67% declararam que seus efeitos são muito confiáveis, e 33% responderam que o uso é confiável. Mesmo alguns respondentes declarando anteriormente que não fazem uso desse recurso, pois preferem os fármacos industrializados, afirmaram que o uso de plantas medicinais é confiável ou muito confiável. Também foi questionado se a população estudada considerava as plantas medicinais mais eficazes que os remédios farmacêuticos e 33% dos entrevistados concordaram parcialmente alegando que as plantas medicinais são eficazes em algumas situações e em outras não. Eles afirmaram que as respostas obtidas a partir do uso de plantas são mais demoradas, sendo necessário fazer o uso conciliado com medicamentos químicos, principalmente em situações de desconforto ocasionados por gripe/resfriado. Em contrapartida, 67% afirmaram que os remédios a partir do mato são mais eficazes que os tratamentos químicos, dando preferência a eles como é descrito abaixo:

(...) antigamente tinha saúde, tomava chá do mato. Hoje compro remédio e não vale de nada, só aumenta as contas (...) (Sra. D. M. Z. F., 66 anos. Veloso – Pitangui, Minas Gerais).

(...) prefiro o chá, acredito mais no chá do que no remédio, se não for algo de arrastar a barriga, prefiro o chá. Você conhece alguém que toma remédio de farmácia e que desaparece o sintoma? Só se o médico falar que é grave (...) (Sr. A. A. A., 81 anos. Veloso – Pitangui, Minas Gerais).

A maioria dos entrevistados afirmou que as plantas medicinais não trazem algum mal à saúde, perpetuando a crença popular de que o uso de produtos naturais não gera efeitos colaterais, sendo a principal fonte alternativa para o tratamento de doenças. Associações semelhantes a essas foram encontradas na literatura (OLIVEIRA & NETO, 2012, p. 318; FERREIRA & GODOY, 2016, p. 108). A partir dessas narrativas, é importante enfatizar que a utilização desses recursos requer certos cuidados e desmistificar entre os usuários das plantas medicinais a ideia de que seu uso está eximido de riscos (FITOTERAPIA, 2010).

Dentre os entrevistados, 42% relataram que aconselham os jovens ‘muito frequentemente’ e 33% ‘frequentemente’ a fazerem uso das plantas medicinais o que infere que essa via de tratamento alternativo tem sido propagada entre os membros locais. Ferreira & Godoy (2016, p. 104), atestam a essencialidade da propagação desse saber tradicional e a transmissão do conhecimento entre as posteridades (SILVA et al., 2015, p. 134), evidenciando que, para a continuidade da sabedoria popular, é necessário que novas gerações tenham o interesse e estejam envolvidas cada vez mais com tais práticas (NOBRE, 2015, p. 42).

Neste estudo, assim como encontrado em outros na literatura (GIRALDI & HANAZAKI 2010, p. 397; ALVES & POVH, 2013, p. 234; FERREIRA, BATISTA & PASA, 2015, p. 158), as folhas foram os órgãos mais utilizados, somando um total de 81% das espécies em uso, seguida pela casca e raiz (9%) e os demais juntos (flor, semente e fruto) contabilizaram 10%. Ferreira & Godoy (2016, p.

109), avaliando a importância do estudo e da utilização de plantas medicinais no centro de vivência agroecológico Morro das Pedras, Belo Horizonte, MG, verificaram que as folhas foram as partes mais utilizadas entre os entrevistados, correspondendo a 92%. As folhas das plantas medicinais são mais utilizadas que todas as outras partes da planta, devido à facilidade para realizar a coleta e a disponibilidade desse órgão no ambiente (CASTELLUCCI et al., 2000, p. 58). Além disso, os referidos autores salientam para o fato de que nas folhas se concentram uma maior parte dos princípios ativos. Vale frisar que, conforme Feitas et al. (2012, p. 56) é a maioria das plantas utilizadas para tratamentos de moléstias são de hábitos herbáceos, apresentando folhas durante todo o ano o que facilita sua coleta.

A forma de preparo mais utilizada pelos moradores é o chá (infusão e/ou decocção), representando 81%. Esses resultados foram similares em outros estudos etnobotânicos como os encontrados por Silva et al. (2012, p. 245) e Battisti et al. (2013, p. 338). Houve também outras formas de preparo citadas como o látex ou “leite”, a garrafada, o banho, o xarope, o cataplasma, o macerado e a pomada, equivalendo a 19% de outras formas de preparo. Quando questionados sobre a dosagem utilizada, a maior parte afirmou não existir, fazendo o uso dos remédios naturais de forma imoderada. Muitos afirmaram que preparam uma quantidade que possa ser tomada de forma fracionada ao longo do dia. Foram registradas 42 plantas com indicações terapêuticas, conhecidas pela população entrevistada, pertencentes a 25 famílias botânicas (Tab. 1). “Durante a coleta de informações, foi adotada a etnotaxonomia local, obedecendo-se a pronúncia utilizada pelos informantes para designar cada espécie vegetal citada (MONTELES & PINHEIRO, 2007)”.

Tabela 1: Plantas usadas como remédio por moradores da comunidade quilombola do Veloso, Pitangui – MG, 2018.

Nome científico	Nome Popular	Família	Uso popular	Literatura	P.U
Curcuma longa	Açafrão	Zingiberaceae	Tosse, dor de garganta e preparo de alimentos	Sistema imunológico	Folhas e raiz
Rosmarinus officinalis	Alecrim	Lamiaceae	Dor	Sistema imunológico	Folhas
Ocimum gratissimum	Alfavaca	Lamiaceae	Gripe	Sistema imunológico	Folhas e sementes
Allium sativum	Alho	Liliaceae	Gripe, preparo de alimentos	Sistema circulatório	Caule
Thunbergia alata	Amarelinha do campo	Acanthaceae	Anemia e para o apetite	Sistema imunológico	Raiz
Arnica montana	Arnica	Asteraceae	Dores musculares, diurético	Dores musculares, diurética e expectorante	Folhas
Ruta graveolens	Arruda	Rutaceae	Contra vermes, gripe e conjuntivite	Anti-inflamatória	Folhas
Apodanthera	Azogo	Cucurbitaceae	Dor de cabeça	Sistema imunológico	Folhas

Aloe vera	Babosa	Asphodelaceae	Melhora pele e cabelo	Sistema circulatório	Folhas
Stryphnodendron	Barbatimão	Fabaceae	Cicatrizante	Sistema circulatório	Caule
Cotyledon orbiculata	Baspo	Crassulaceae	Cicatrizante, dor no estômago e queimadura	Afecções gástricas	Folhas
Verbascum thapsus	Basco	Loganiaceae	Dor no estomago	Sistema respiratório	Folhas
Peumus boldus	Boldo	Lamiaceae	Dores no estomago, barriga, cabeça, gripe	Afecções do fígado e do estômago, cistite, constipação	Folhas
Dasyphyllum tomentosum	Camará de Espinho	Verbenaceae	Tosse	Sistema respiratório	Folhas
Arundo donax	Caninha de macaco	Poaceae	Pedra nos rins	Sistema respiratório	Folhas
Leucas martinicensis	Cordão de Frade	Lamiaceae	Cicatrizante e anti-inflamatório	Anti-inflamatória	Folhas e caule
Melissa officinalis	Erva-Cidreira	Lamiaceae	Dor, calmante, insônia, gripe	Diurética, expectorante e insônia	Folhas e raiz
Dimorphandra gardneriana	Faveira	Fabaceae	Tratamento de hemorroidas	Sistema circulatório	Folhas
Citrus reticulata	Flor de mexerica	Rutaceae	Calmante	Anti-inflamatória	Flor
Cecropia pachystachia	Flor de umbaúba rosa	Cecropiaceae	Pedras nos rins	Sistema imunológico	Folhas
Costus spicatus	Flór do Pin do brejo	Liliaceae	Gripe e tosse	Anti-inflamatória	Flor, caule
Persea americana	Folha de abacate	Lauraceae	Tosse, rouquidão e dores nos rins	Expectorante	Folhas
Citrus sinensis (L.)	Folha de laranja	Rutaceae	Gripe e tosse	Antitérmico e analgésico	Folhas
Carica papaya L.	Folha de mamão	Caricaceae	Gripe e tosse	Regula intestino e sistema digestório	Folhas
Kalanchoe pinnata	Folha Santa	Celastraceae	Dores nos ossos, cicatrizante, calmante	Anti-inflamatória	Folhas
Foeniculum vulgare	Funcho	Apiaceae	Dores no estomago, barriga, calmante	Sistema imunológico	Folhas
Zingiber officinale	Gengibre	Zingiberaceae	Anti-inflamatório, dor de garganta	Controle do mau colesterol	Raiz
Psidium guajava	Goiabinha do campo	Myrtaceae	Cicatrizante e anti-inflamatório	Analgésico	Folhas e caule
Mentha	Hortelã	Lamiaceae	Bronquite, verme, gripe e calmante	Expectorante	Folhas e caule

Achyrocline satureioides	Marcela	Asteraceae	Dores na barriga e calmante	Antioxidante	Folhas e caule
Hancornia speciosa	Mangaba	Apocynaceae	Depurativo do sangue	Anti-inflamatória	Folhas e caule
Ocimum basilicum	Manjeriço	Lamiaceae	Preparo de alimentos, gripe	Sistema nervoso	Folhas
Agapanthus africanus	Maria bonita	Balsaminaceae	Propriedades diuréticas	Sistema circulatório	Folhas
Agapanthus africanus	Maria preta	Balsaminaceae	Anti-inflamatório	Sistema circulatório	Folhas
Ageratum conyzoides L	Mentrasito	Asteraceae	Dor de barriga e para banhar mulheres grávidas	Anti- inflamatória	Folhas
Agapanthus africanus	Mulata da sala	Balsaminaceae	Propriedades diuréticas	Sistema circulatório	Planta inteira
Achillea millefolium	Novalgina do mato	Asteraceae	Amenizar dores em geral	Analgésico	Folhas
Lafoensia pacari	Pacari	Lythraceae	Cicatrizante	Anti- inflamatória	Caule
Mentha pulegium	Poejo	Lamiaceae	Gripe	Expectorante	Folhas
Phyllanthus niruri	Quebra-pedra	Phyllanthaceae	Diurético	Anti-inflamatória, diurético	Folhas e caule
Coutarea hexandra	Quina	Rubiaceae	Anti-inflamatório	Anti-inflamatório, distúrbios estomacais	Caule
Citrus reticulata	Sapicado de Mexerica	Rutaceae	Gripe e calmante	Anti-inflamatória	Folhas
Plantago major	Tanchagem	Plantaginaceae	Dores de garganta, anti-inflamatório	Anti-hemorrágico	Folhas
Eugenia brasiliensis	Tuizinho	Myrtaceae	Tratamento de alergias	Anti - inflamatória	Folhas
Merremia tomentosa	Velame do campo	Apocynaceae	Cicatrizante	Anti- inflamatória	Raiz

Lamiaceae foi a família com maior representatividade de espécies (19%), seguida por Rutaceae (10%), Asteraceae e Balsaminaceae (7%, ambas). Valeriano, Savani & Silva (2019) verificaram em um estudo recente no bairro São Francisco, município de Pitangui, que Lamiaceae e Asteraceae foram as famílias de plantas medicinais com maior número de citações. De maneira similar, Monteles e Pinheiro (2007), realizando seu estudo em uma comunidade quilombola maranhense, verificaram que Lamiaceae era a família com maior riqueza, seguida por Rutaceae e Asteraceae. Esses resultados denotam a relevância que essas famílias exibem para os tratamentos alternativos, ocorrendo vários representantes com valor medicinal. São grandes responsáveis por fornecer matéria prima para utilização (PILLA et al., 2006, p. 792) sendo conhecidas em todo o mundo como provedoras de plantas medicinais (DI STASI et al., 2002, p. 73, ALBUQUERQUE, 1976, p. 5).

As cinco espécies de plantas mais notificadas para fins terapêuticos foram a erva-cidreira seguida pela alfavaca, folha de laranja, basco e boldo. As demais tiveram equivalência quanto ao número de citações. Os principais usos da erva-cidreira relatados pelos informantes locais foram para os tratamentos contra a ansiedade e como calmante natural. A literatura tem reportado alguns efeitos que estão em concordância com os que foram encontrados nesse trabalho: Nascimento & Vieira (2014, p. 42) reportaram sobre os efeitos da erva-cidreira em um estudo entre alunos de ensino médio e graduação, verificando que esta tem sido utilizada como um sedativo leve. Macedo, Oshiiwa e Guarido (2007, p. 125) também constataram aplicações com a erva-cidreira para tratamentos de insônia. A partir da observação de tais dados, conclui-se que as plantas herbáceas compõem o hábito de crescimento mais bem representado entre as espécies utilizadas na comunidade aparecendo na sequência, os arbustos e as espécies arbóreas.

Os maiores números de citações da utilização de plantas medicinais como recursos terapêuticos para o tratamento de moléstias foram para os casos de aparelho respiratório (gripe/resfriado, bronquite e tosse) (27%), inflamações (14%), aparelho digestivo (dores intestinais, de barriga e garganta) (14%), tratamentos como cicatrizantes (9%) e calmantes (7%). Em alguns estudos de uso popular de plantas medicinais, alguns autores como Santos et al. (2016, p. 442) também constataram essa especificidade para o combate à gripe. Freitas et al. (2015, p. 845) afirmaram que um dos principais agravantes de saúde foi a gripe. O referido autor associa esses maiores casos de gripe à possibilidade de esses agravos ocorrerem com maior regularidade, e devido à crença de que essas moléstias não precisam de atendimento médico.

Foi verificado um grande interesse quando questionado sobre o cultivo de uma horta comunitária de plantas medicinais o que foi expressado por 92% dos entrevistados. Alguns membros do lugarejo relataram a participação em cursos de capacitação para o uso, tratamento e armazenamento de medicamentos naturais. Observações similares têm sido reportadas na literatura (ARNOUS et al., 2005, p. 4; VALERIANO, SAVANI & SILVA, 2019). A comunidade tem buscado a sua capacitação quanto ao uso desses medicamentos, ainda que forma diminuta. Observou-se uma expressão não apenas do conhecimento empírico, mas também de diretrizes com bases científicas sobre os fitoterápicos, reflexo dos cursos de capacitação. Arnous et al. (2005, p. 4) destacaram a importância de cursos de capacitação para a população que faz uso de plantas medicinais, sendo envolvidos em boas práticas de cultivo e conservação das espécies, resgates dos valores tradicionais e a melhoria da saúde comunitária a partir dos produtos de baixo custo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de plantas medicinais é uma prática que se encontra incorporada aos hábitos da maior parte dos moradores da comunidade quilombola do Veloso, principalmente para o tratamento de moléstias. É notória a importância das mulheres nesse contexto sociocultural, evidenciada pelo papel preponderante na transmissão desse conhecimento. O vasto domínio da população local sobre as plantas e seus diversos meios de preparo, demonstram a riqueza tradicional assimilada dos seus antecessores ao longo dos anos, trazendo suas crenças, concepções e experimentações empíricas pelo percurso histórico da comunidade através da oralidade e práticas de cura. É notório que os mais velhos são os grandes difusores das várias representações e conhecimentos tradicionais. É possível que em meio ao percurso histórico da comunidade, tenha ocorrido influência de práticas terapêuticas indígenas, em vista que esses povos também habitaram algumas regiões de Pitangui-MG.

O registro do saber local sobre essas práticas poderá oferecer importantes subsídios para estudos futuros, em áreas multidisciplinares, que venham a auxiliar na validação desses recursos. Os estudos/pesquisas de natureza farmacológica, fitoquímica e demais práticas que envolvam o controle de qualidade de plantas medicinais são necessárias para desenvolver estratégias que garantam o uso seguro dessas plantas e a sua padronização.

O desejo da comunidade pelo cultivo comunitário de uma horta de plantas medicinais reforça a importância desses recursos para a população investigada. Para isso, é necessária a participação pública como incentivadora. Hoje já se sabe da existência da Portaria nº 886, do Ministério da Saúde, que passou a instituir um programa de assistência social chamado 'Farmácia Viva' ao Sistema Único de Saúde (SUS), para fornecer práticas corretas e toda a metodologia, desde o cultivo ao armazenamento dos fitoterápicos (BRASIL, 2010; BRASIL, 2013), o que poderá ser aplicado à realidade da comunidade estudada. Por fim, é fundamental que ocorra a valorização do saber popular e o reconhecimento do seu valor cultural, através de ações que preservem a representação cultural desses povos tradicionais e suas relações com os recursos naturais, principalmente as plantas medicinais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, B.W.P. Revisão Taxonômica das Rutaceae do Estado do Amazonas. **Acta Amazônica**. Vol. 6. Pp. 5-67. 1976.
- ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução a etnobotânica**. 2ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.
- ALMEIDA, N.F.L; SILVA, S.R.S; SOUZA, J.M; QUEIROZ, A.P.N; MIRANDA, G.S; OLIVEIRA, H.B. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de Viçosa – MG. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. Vol. 90. Pp. 316-320. 2009.
- ALVES, G.S.P; POVH, J.A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. **Revista Biotemas**. Vol. 26. Pp. 231-242. 2013.
- AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DISTASI, L.C. **Plantas medicinais: arte e ciência; um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo, Universidade Estadual Paulista. 1996. Pp 47-67.
- AMOROZO, M.C.M; GÉLY, A.L. **Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Vol. 4. 1988. Pp. 47-131.
- ARNOUS, A.H; SANTOS, A.S; BEINNER, R.P.C. Plantas medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**. Vol. 6. Pp. 1-6. 2005.
- ARROYO, M.G. A infância repõe o trabalho na agenda pedagógica. In. ARROYO, M.G; VIELLA, M.A.L; SILVA, M.R. **Trabalho infância: exercícios tensos de ser criança: Haverá espaço na agenda pedagógica?** Petrópolis RJ: Vozes. 2015.
- BATTISTI, C; GARLET, T.M.B; ESSI, L; HORBACH, R.K; ANDRADE, A; BADKE, M.R. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeiras das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. Vol. 11. Pp. 338-348. 2013.
- BESSA, N.G.F; BORGES, J.C.M; BESERRA, F.P; CARVALHO, R.H.A; PEREIRA, M.A.B; FAGUNDES, R; CAMPOS, S.L; RIBEIRO, L.U; QUIRINO, M.S; CHAGAS JUNIOR, A.F; ALVES, A. Prospecção fitoquímica preliminar de plantas nativas do cerrado de uso popular medicinal pela comunidade rural do assentamento vale verde – Tocantins. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Vol. 15. Pp. 692-707. 2013.
- BORBA, A.M; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**. Vol. 20. Pp. 771-782. 2006.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). 2014. RDC N° 26, DE 13 DE MAIO DE 2014. **Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos**. Diário Oficial da União: Brasília, DF. 2014.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). 2013. RDC N° 18, DE 3 DE ABRIL DE 2013. **Dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais em farmácias vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)**. Diário Oficial da União: Brasília, DF. 2013.

BRASIL. 2010. **Ministério da Saúde. Portaria nº. 886, de 20 abril de 2010.** Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União, Brasília, DF. 2010.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazônica**. Vol. 40. Pp. 451-470. 2010.

CARVALHO, C.A; MOLINARI, R.F; SILVA, S.R.S; PINTO, R; FANI, M. Medicinal plants used by the population of Viçosa, MG. Brasil -preliminary study. **Revista Eletrônica de Farmácia**. Vol. 8. Pp.13-26. 2011.

CASTELLUCCI, S; LIMA, M.I.S; NORDI, N; MARQUES, J.G.W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na estação ecológica de Jataí, município de Luís Antônio/SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Vol. 3. Pp. 51-60. 2000.

DI STASI, L.C; OLIVEIRA, G.P; CARVALHAES, M.A; QUEIROZ-JUNIOR, M; TIEN, O.S; KAKINAMI, S.H; REIS, M.S. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia**. Vol. 73. Pp. 69-91. 2002.

FERREIRA, A.L.S; BATISTA, C.A.S; PASA, M.C. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola mata cavalo em nossa senhora do livramento – MT, BRASIL. **Biodiversidade**. Vol. 14. Pp. 151. 2015.

FERREIRA, V.L; GODOY, A.G. Importância do estudo e utilização de plantas medicinais, no centro de vivência agroecológico morro das pedras, Belo Horizonte, MG. **Revista “Pós em Revista”**. Vol. 1. Pp. 103-111. 2016.

FITOTERAPIA – **Programa de Plantas Mediciniais e Terapias Não-Convencionais**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/proplamed/atividades/fitoterapia/>>. Acesso em 10 de junho de 2018.

FREITAS, A.V.L; COELHO, M.F.B; PEREIRA, Y.B; FREITAS NETO, E.C; AZEVEDO, R.A.B. Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró, RN. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. Vol. 7. Pp. 845-856. 2015.

FREITAS, A.V.L; COELHO, M.F.B; MAIA, S.S.S; AZEVEDO, R.A.B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. Vol. 10. Pp. 48-59. 2012.

GIRALDI, M; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**. Vol. 24. Pp. 395-406. 2010.

KOPPEN, W; GEIGER, R. *Klimate der Erde*. Gotha: Verlag Justus Perthes. 1928.

LIMA, L.G.C. **Território e Educação: Sujeitos do campo da Microrregião de Pará de Minas, MG. 2016.** 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) 2016 - Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

LUCENA, D.S; LOPES, I.S; SOUZA, P.F; TORRES, C.R.M; MARINHO, M.G.V. 2011. **Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Lagoa, sertão Paraibano**. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 62., 2011, Fortaleza. Anais... Fortaleza: UFCG.

MACEDO, A.F; OSHIIWA, M; GUARIDO, C.F. Ocorrência do uso de plantas medicinais por moradores de um bairro do município de Marília – SP. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**. Vol. 28. Pp. 123-128. 2007.

MACIEL, M.A.M. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**. Vol. 25. Pp. 429-38. 2002.

MALINOWSKI, B. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1975.

MATOS, F. J. A. **Farmácias vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projeto para pequenas comunidades**. Fortaleza: EUFC. 2002. Pp. 267.

MEIRELLES, L.R. **Revista dos Sistemas Agrofloretais**. Centro Ecológico/Litoral Norte. Dom Pedro de Alcântara/RS. 2003.

MONTELES, R; PINHEIRO, C.U.B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Vol. 7. Pp. 38-48. 2007.

NASCIMENTO, I.G; VIEIRA, M.R.S. **Manual de Plantas Medicinais – Farmácia Verde**. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/wp-content/uploads/2014/02/farmacia-verde-livro.pdf>>. Acesso em: 20/03/2018.

NOBRE, C.J.S. **Etnobotânica de plantas medicinais no ensino de biologia: uma contribuição da escola pública rumo ao resgate do conhecimento popular**. 2015. 79 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Campina Grande, Patos, Paraíba.

OLIVEIRA, E.R; NETO, L.M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Vol. 14. Pp. 311-320. 2012.

OLIVEIRA, O.F.V; GONDIM, M.J.C. Plantas medicinais utilizadas pela população de Caldas Novas, GO e o conhecimento popular sobre a faveira (*Dimorphandra mollis* Benth-Mimosoideae). **Revista Brasileira de Agroecologia**. Vol. 8. Pp. 156-169. 2013.

PASA, M.C. **Abordagem etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açú, Mato Grosso, Brasil**. Polibotânica. Vol. 31. 2011. Pp. 169-197.

PELLEGRINO, N.S.L. **Uso de plantas medicinais nas comunidades quilombolas de Coremas, Paraíba-PB, Brasil. 2015**. 59 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PEREIRA, B.E; DIEGUES, A.C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Pp. 37-50. 2010.

PILLA, M.A.C; AMOROZO, M.C.M; FURLAN, A. Obtenção e uso de plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi- Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. Vol. 20. Pp. 789-802. 2006.

RODRIGUES, A.G; CASALI, V.W.D. Plantas medicinais, conhecimento popular e etnociência. In: RODRIGUES, A. G; ANDRADE, F M C; COELHO, F M G. **Plantas Medicinais e Aromáticas : etnoecologia e etnofarmacologia**, Viçosa. 2002. Pp. 25-76.

ROMANO, A.W. **Programa Geologia do Brasil: Geologia da Folha Pará de Minas* SE.23-Z-C-IV**. Brasília, 2007. Pp. 1-72.

SALES, G.P.S; ALBUQUERQUE, H.N; CAVALCANTI, M.L.F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Pp. 31-36. 2009.

SANTOS, A.B.N; ARAÚJO, M.P; SOUSA, R.S; LEMOS, J.R. Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Vol. 18. Pp. 442-450. 2016.

SANTOS, J.B. Território, Direito e Identidade: uma análise da comunidade quilombola da Olaria em Irará, Bahia. **Antíteses**. Vol. 3. Pp. 221-245. 2010.

SILVA, C.G; MARINHO, M.G.V; LUCENA, M.F.A; COSTA, J.G.M. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Vol. 17. Pp. 133-142, 2015.

SILVA, R.M; FARIA, M.T. Caracterização etnobotânica e histoquímica de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Carrilho, Goianésia (GO). **Enciclopédia Biosfera**. Vol. 10. Pp. 2807-2829. 2014.

SILVA, R.C; SANTAN, A.D; SANTOS, A.A.P; CERQUEIRA, G.S. Plantas medicinais utilizadas na saúde da mulher: riscos na gravidez. **Diálogos & Ciência**. Vol. 32. Pp. 243-246. 2012.

SIVIERO, A; DELUNARDO, T.A; HAVERROTH, M; OLIVEIRA, L.C; MENDONÇA, A.M.S. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. Vol. 14. Pp. 598-610. 2012.

THIAGO, F. **A comunidade quilombola do cedro, mineiros go: etnobotânica e educação ambiental**. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) 2011 - Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, Mato Grosso.

VALERIANO, F.R.; SAVANI, F.R; SILVA, M.R.V. O uso de plantas medicinais e o interesse pelo cultivo comunitário por moradores do bairro São Francisco, município de Pitangui – MG. **Interações**. Vol. 20. Pp. 891-905. 2019.

VIEIRA, R.F; MARTINS, M.V.M. **Estudos etnobotânicos de espécies medicinais de uso popular no cerrado**. In: **Simpósio Sobre o Cerrado**, 1996. Anais... Planaltina.

VILAÇA, Sérgio. **Quilombo de Veloso**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gmDCaPH00jA&t=567s>>. Acesso em 10 de junho 2018.